mundiais consecutivas, e as vendas de malte subsidiado por empresas européias recomendam a adoção de medidas restritivas às importações desses produtos e de amparo aos produtores brasileiros, para que se viabilize o projeto de auto-sustentação.

SOJA

DIMINUIÇÃO DA PRODUÇÃO BRASILEIRA INFLUENCIA AS COTAÇÕES

Conhecida a potencialidade da oferta norte-americana de soja, as expectativas do mercado voltaram-se para as informações sobre a produção brasileira, cujo volume, há alguns anos, supera os 15 % da produção mundial da leguminosa. Assim, as decisões tomadas na última reunião do Subcomitê Técnico da Soja, em 14/2, ao admitirem a ocorrência da primeira grande frustração de safra brasileira desde que o país se elevou ao posto de segundo maior produtor mundial, colaboraram para a elevação das cotações internacionais, que já vinham revelando indícios de superação da pressão baixista dominante nas últimas semanas.

OUTROS FATORES INFLUEM NA RECUPERAÇÃO

Contudo, a diminuição da oferta brasileira não é o único fundamento da recuperação ora verificada nos preços internacionais da soja. Outros fatores atuam paralelamente, no momento. A escassez de carvão, em pleno inverno nos EUA, motivada pela greve dos mineiros, chegou a comprometer o funcionamento de algumas indústrias de esmagamento, num quadro de sérias dificuldades de transportes, que prejudicam o escoamento da produção norte-americana. Simultaneamente, novas compras da Europa Ocidental aqueceram a demanda, pelo complexo soja, enquanto retornaram as especulações sobre a entrada soviética no mercado.

RECURSO A IMPORTAÇÕES PARA MANTER O MERCADO DE GRÃOS

As anunciadas importações de soja pelo Brasil, para a manutenção de sua parcela do mercado mundial de soja em grão, reforçaram a impressão de que a safra brasileira de 1978 não igualará a anterior. A nível de oferta mundial, porém, uma redução, entre um e dois milhões de t, na participação brasileira, será parcialmente compensada pelos acréscimos nas produções argentina e paraguaia que, conjuntamente, alcançarão, este ano, cerca de 2,5 milhões de t.

O rápido aumento da produção daqueles países, porém, não deverá ser suficiente para colocá-los como única fonte das compras admitidas pela CACEX. A eliminação da exigência do depósito prévio estabelecido para as importações de soja, requisito não aplicável aos países da área da Associação Latino-Americana de Livre-Comércio (ALALC), confirma a possibilidade de abastecimento em outras fontes. Os EUA surgem, então, como o mais provável fornecedor, caso se efetivem as importações brasileiras.

DISPUTA INTERNA PELOS GRÃOS SERÁ ATENUADA

Internamente, contornadas as diferenças tarifárias, a entrada de grãos importados contribuirá para a atenuação da disputa pelo produto brasileiro entre o parque moageiro doméstico e os exportadores. Todavia, se confirmada até o final da colheita a baixa qualidade dos grãos obtidos nas primeiras lavouras colhidas, poderá se fazer necessário o recurso ao *draw back*.

Comentários

PARQUE DE ESMAGAMENTO, RAZÃO DAS IMPORTAÇÕES

A ênfase atribuída, nos últimos anos, ao incremento das exportações de farelo e óleo de soja, em detrimento da ampliação das vendas externas da soja em grãos, resultou no rápido progresso da indústria de esmagamento do país, que vem a ser a responsável pela atual contingência de se importar a soja, no sentido de estancar a crescente ociosidade das indústrias e prevenir custos sociais indesejáveis.

TÊXTEIS

AUSÊNCIA DE INVERNO E DESACELERAÇÃO DA ECONOMIA ELEVAM ESTOQUES

A ausência de inverno rigoroso no país, bem como os reflexos no consumo da política de desaceleração adotada pela economia brasileira, foram os motivos mais importantes a levar à formação de um grande estoque interno de produtos têxteis no ano passado. Estes fatos ocorreram num período em que os investimentos, realizados anteriormente, estavam em sua fase final de maturação e a indústria têxtil nacional iniciava suas operações a plena capacidade.

PROTECIONISMO LEVA À BUSCA DE NOVOS MERCADOS

Externamente, após a recessão mundial, medidas protecionistas vêm sendo tomadas, particularmente por nossos maiores compradores. Embora a receita de exportação brasileira de manufaturados têxteis venha aumentando sistematicamente, desde 1971, a taxa de crescimento já começava a apresentar sinais de declínio a partir de 1974.

Ano passado, foi necessário ao Brasil lançar-se em novos mercados a fim de suprir a diferença entre o *quantum* que se pretendia exportar para a Comunidade Econômica Européia (CEE) – que absorve 35% de nossas exportações têxteis – e as quotas por ela impostas. Entretanto, a busca de novos mercados não é tarefa fácil. Além da competição estrutural com as fibras artificiais e sintéticas, existe, ainda, a concorrência de nossos adversários comerciais (Hong Kong, Formosa e Coréia do Sul). É bem verdade que estes países e o Brasil são ambos favorecidos internacionalmente por produzirem a menores custos, principalmente devido ao pagamento de salários mais baixos do que nos países desenvolvidos. Por outro lado, o maior problema que se coloca para o Brasil é o fato de que estes três países concorrentes formam um só bloco, ao terem a maior parte de sua indústria controlada por empresas multinacionais de mesma bandeira.

EFEITOS DE POLÍTICA DE SUBSÍDIOS

Há, contudo, instrumentos fiscais que auxiliam o escoamento das exportações brasileiras de têxteis. Os créditos de IPI para a exportação brasileira de fios e tecidos de algodão estão em 18 e 25%, respectivamente, e os de ICM em 13%, para ambos os produtos. Cabe acrescentar que esta política de subsídios tem- nos trazido alguns problemas com os EUA – nosso segundo maior absorvedor de têxteis – que vêm acusando o Brasil de *dumping*.

NECESSIDADE DE DIVERSIFICAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES TÊXTEIS

Os fatores que explicam a maior participação dos itens fios e tecidos de algodão na pauta de exportação têxtil (ano passado ambos participaram com 51%) são nossas vantagens comparativas, bem como a preferência dos compradores em realizar o processamento final em seus países, para tal utilizando tecnologia sofisticada. Assim